



doi: 10.20396/rfe.v13i2.8661590

## Para uma investigação filosófica em tempos de pandemia

*Israel Alexandria Costa<sup>1</sup>*

### Resumo

O presente artigo combina a pesquisa bibliográfica em torno de clássicos da Filosofia e a leitura de comentários sobre o novo coronavírus para, através de uma análise crítica e de abordagem qualitativa, sustentar a hipótese de que o tema da pandemia pode ser pensado à luz de variadas perspectivas epistemológicas, éticas e políticas da história. O texto desenvolvido apresenta, como resultado, um percurso investigativo no qual o resgate da tradição literária se engaja a um tema contemporâneo e põe em destaque a importância da atualização das ideias filosóficas.

**Palavras-chave:** Filosofia. Educação. Pandemia.

### Abstract

This article combines the bibliographic research around Philosophy classics and the reading of comments about the new coronavirus to, through a critical analysis and qualitative approach, support the hypothesis that the pandemic theme can be thought in the light of several epistemological, ethical and political perspectives of history. The developed text presents, as a result, an investigative path in which the rescue of the literary tradition engages with a contemporary theme and highlights the importance of updating philosophical ideas.

**Keywords:** Philosophy. Education. Pandemic.

### Introdução

A filosofia, se quisermos ser fiéis à etimologia pitagórica pela qual ela se define como amizade à sabedoria, ou ainda à perspectiva platônica em *O Banquete*, na qual se constitui como amor ao belo, é a disposição da pessoa razoável, tal como compreendiam esses pensadores, para os quais a inimizade à sabedoria e o ódio à beleza são uma forma de carência, de falta.

Tal carência, a crer no modo como a filosofia costuma ser tratada,

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Filosofia (1986) e Direito (1997) pela Universidade Católica do Salvador, É doutorando em Filosofia (2010) pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professor assistente na UFAL.

parece ser, entretanto, o que prevalece na grande maioria em todos os séculos. Com efeito, os que professam a amizade à sabedoria e o seu amor à beleza, os professores de filosofia *stricto sensu*, são implacavelmente perseguidos pelo dogma do utilitarismo, em nome do qual se inquire pela utilidade da filosofia sem inquirir, antes, pela utilidade da própria utilidade.

Contudo, se optarmos por uma compreensão mais próxima daqueles clássicos do pensamento, teremos de admitir que a práxis filosófica não pode ser garantida em função da sua utilidade, mas da sua irrecusável insurgência enquanto apelo que, brotando do mistério entranhado no próprio ser, se manifesta no espanto e na admiração percebidos como questões de fundo que a pesquisa filosófica traduz em problemas fundamentais cujo diálogo com os desafios singulares demandados em cada contexto histórico é inescapável.

E a demanda que se impõe como desafio singular para essa práxis é um turbilhão de coisas que parecem girar às voltas de um vírus do grupo corona — o novo coronavírus, definitivamente batizado de SARS-CoV-2. Esse vírus teria determinado, para a atual constituição física da espécie humana, a COVID-19, uma enfermidade respiratória severa e, por vezes, fatal que estaria atingindo um número cada vez maior de indivíduos em escala global, em razão de um poder transmissivo e reprodutivo tamanho que mereceu a atenção da Organização Mundial da Saúde, a qual, aos onze dias do mês de março do ano dois mil e vinte, do calendário cristão, declarou a emergência de uma pandemia da referida doença.

Diante do caráter caótico revelado pelo fenômeno pandêmico e seus diversos esforços de organização, cumpre à filosofia tentar transformar o que percebemos pela experiência comum em conceitos que permitam iluminar o caminho, acrisolar a atividade teórica por meio de uma prática reflexiva que recolha os múltiplos significados desse fenômeno em um discurso coerente, sem a pretensão de oferecer respostas, mas com a intenção de encarar a catástrofe, de não nos deixarmos iludir nem descartar possibilidades. Em suma, cabe indagar das causas epistêmicas, éticas e políticas da pandemia.

Tal indagação convém ser traduzida pelos educadores comprometidos com a formação filosófica na disposição de investir em experiências coletivas

de aprendizagem sob o pressuposto de que é preciso amar a verdade sem pretensão de possuí-la, privilegiar a crítica, estimular a dúvida, adotar um vocabulário adequado para dar conta da complexidade do assunto, porquanto a pandemia não é um fenômeno que se dá em *um* mundo, mas em diferentes mundos

Com efeito, é possível que a pandemia se constitua em objeto da investigação filosófica comprometida com a conscienciosidade ética, a coerência conceitual e a pesquisa científica dos textos filosóficos que têm servido de referências às diferentes perspectivas do pensamento humano, como o *Teeteto*, de Platão (2010); *A Cidade de Deus*, de Agostinho (2008); os *Ensaio de Teodiceia*, de Leibniz (2013); *Carta sobre a Tolerância*, de Locke (1965); *A Filosofia da História*, de Voltaire (2007); *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de Rousseau (1978); *Idéia de uma história universal com um propósito cosmopolita*, de Kant (1988); *Filosofia da História*, de Hegel (2008); *Parerga e paralipomena*, de Schopenhauer (2010); *Além do Bem e do Mal*, de Nietzsche (1996); *O existencialismo é um humanismo*, de Sartre (1978); *O Conceito de Angústia*, de Kierkegaard (2010); *O mito de Sísifo*, de Camus (1989); *Ser e Tempo*, de Heidegger (2002); *A Filosofia da Existência*, de Jaspers (1961); *A Lógica da Pesquisa Científica*, de Popper (1972); *Eichmann em Jerusalém*, de Arendt (1999) e *Necropolítica*, de Mbembe (2016).

Um caminho para esse percurso investigativo em torno das questões filosóficas fundamentais que a presente crise oportuniza é o da indagação crítica, no qual os discursos pertinentes à pandemia podem, como sugere a perspectiva kantiana, ser levados ao tribunal da razão para ser inquiridos pelos clássicos da filosofia quanto às suas profundas significações, a começar pelas perguntas que estimulam o exercício imaginativo acerca do lugar que tais discursos ocupam no interior das grandes perspectivas filosóficas da história do pensamento.

## 1 Pandemia e Epistemologia

O primeiro tópico desse percurso investigativo pode ter como título

*pandemia e epistemologia*, junto ao qual a reflexão filosófica giraria em torno da natureza e dos limites do conhecimento humano, bem como do seu processo cognitivo, tendo a pandemia como objeto paradigmático da problemática gnosiológica, na qual se incluem, por exemplo, o problema da diferença entre realidade e aparência e o do estatuto ontológico do sensível e do inteligível.

Uma experiência interessante nesse sentido poderia ocorrer junto à leitura do *Teeteto*, de Platão (2010), o qual serviria como ponto de partida teórico para uma discussão acerca da possibilidade de sabermos verdadeiramente o que é isto a que chamamos de Pandemia da COVID-19 a fim de considerar se é pela coleção dos fatos relacionados à pandemia, ou pelas sensações que experimentamos em relação a ela, ou ainda pelas opiniões que assumimos como verdadeiras, porquanto acompanhadas de explicações, que podemos chegar a um conhecimento conclusivo sobre esse assunto.

Talvez, no final dessa discussão, fosse possível concluir, como muitas vezes faz o Sócrates dos diálogos platônicos, que não somos portadores de conhecimento absoluto algum e que teríamos de aceder que só sabemos que realmente não sabemos, não para cairmos em um ceticismo pirrônico e negacionista, mas, pelo contrário, para cuidarmos de não negar nem aceitar acriticamente o que temos como certo acerca da pandemia, pois, ainda que nossas certezas possam nos parecer verdades incontestáveis, é preciso convir que há muita disseminação de informações falsas (*fake news*) sobre o tema em questão. Com efeito, se o mundo do coronavírus aparece para nós enquanto estamos aprisionados no interior de nossas casas; se nós estamos recebendo todas as informações a partir dos fundos das telas planas dos nossos aparelhos de mídia, esse mundo se mostra muito semelhante ao das sombras projetadas no fundo da caverna de Platão e, a partir desse paradigma, podemos imaginar, junto a outros pensadores essencialistas, que a pandemia não passa de mera aparição transitória, uma espécie de composição da *arché* fundamental, uma aposição casual de partículas na cega mecânica universal, uma onda lógica em seu ciclo de pulsação, etc.

Essa mesma abordagem epistemológica da pandemia suportaria, além

da perspectiva dualista, segundo a qual as aparências escondem um ser substancial que reclama o esforço dialético para sua contemplação, uma abordagem monista e fenomenológica, na qual aquilo que se mostra deve ser considerado como o ser em si mesmo, de modo que mesmo a própria desconfiança que lançamos sobre as aparências é, ela mesma, uma aparência a ser integrada às demais.

Sob tal prisma, a manifestação pandêmica e o espanto pelo qual indagamos se há uma substância ou um porquê profundo de haver manifestações, uma vez que podemos imaginar o vácuo absoluto do nada, seriam, em si mesmo, um fenômeno a merecer nossa atenção. Esse seria o momento em que a abordagem epistemológica abandona a noção de verdade como *nômeno* ou *fenômeno*, perdendo, assim, sua significação científica de *realidade*, em favor de um sentido existencial, quando *verdade* passa a ser sinônimo de *autenticidade*.

Para contemplar esse trânsito no qual a questão da realidade dá lugar à da autenticidade, pode-se incluir nessa primeira abordagem as perspectivas filosóficas filiadas ao existencialismo, em que o *ser autêntico* é aquele para o qual o véu da ilusão do sentido da vida se rasgou em favor de uma percepção de si como ser-lançado-no-mundo e aberto à escuta do ser. Então se poderia inserir nessa investigação os conceitos de (a) *amor fati*, seja para relacionar o tema da resignação com o da resiliência em relação à pandemia, seja para destacar o papel da vontade nietzschiana em face de uma existência pensada como fado de conviver com a pandemia em um ciclo de eterno retorno do mesmo; (b) de *angústia*, em que a pandemia poderia ser percebida a partir da metáfora kierkegaardiana do precipício, onde a autenticidade dos quarentenados apareceria como *vertigem de liberdade* que se faz acompanhar do medo e do impulso de "cair na pandemia"; (c) de *absurdo*, para pensar a pandemia a partir da imagem da pedra mítica, de Camus (1989), e reconhecer o momento da autenticidade na percepção existencial da escolha entre o suicídio escapista e a vida sisífrica; (d) de *liberdade*, concedendo à pandemia o caráter da factualidade sartriana, em que se confrontam a absoluta responsabilidade e a absoluta autenticidade no ato da escolha em que o

existente se reinventa; (e) de *situação-limite*, para pensar a pandemia como um muro jasperiano face ao qual a autenticidade se manifesta no defrontamento com sofrimentos e incertezas; (f) de *dasein*, para reconhecer a pandemia como expressão do *cuidado* heideggeriano no qual o ser-aí se humaniza e encontra seu ser autêntico na percepção da sua finitude enquanto ser-para-a-morte: ponto fundamental, porquanto a pandemia recoloca a morte na cena do discurso filosófico e, com efeito, como bem observou Berardi (2020, p. 4, tradução nossa), "a pandemia nos obriga a reconhecer que a morte existe".

## 2 Pandemia e Ética

O segundo tópico desse percurso trataria da relação entre ética e pandemia com o objetivo de revisitar os tradicionais princípios filosóficos de orientação da ação humana. Para pôr à luz esses princípios, dentre as muitas chaves interpretativas possíveis, pode-se apontar duas que parecem ser frequentemente evocadas nos discursos que envolvem a relação entre pandemia e moralidade: a *filosofia da história* e o *problema do mal*. Ambas com o mérito de permitir o acesso aos referidos princípios por meio de leituras conjugadas à ideia de narrativa, dispensando a necessidade de investigações demasiado minuciosas junto aos sistemas teóricos de ética filosófica.

Para o uso da chave interpretativa da filosofia da história como via de acesso aos princípios éticos junto aos quais se pode discutir questões morais relativas à pandemia, é preciso que esta seja pensada em termos de *advento* em relação ao qual é possível realizar exercícios imaginativos que situam o advento pandêmico à luz de obras clássicas que esboçam perspectivas filosóficas em torno da questão do motor da história. Dentre elas destacar-se-iam:

(a) *A Cidade de Deus*, de Agostinho (2008), no qual a história é pensada como movida por um devir providencial que começa pela criação do mundo e culmina no duplo encontro do qual participam dois tipos de cidadãos: o ético, destinado ao encontro com a Cidade de Deus e o antiético, ao encontro com a danação. Nesse ponto, um exercício investigativo possível é o de tentar

responder em que consiste a conduta ética em meio a uma pandemia encaixada em uma história que abriga as ideias de providência divina e de juízo final;

(b) *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de Jean-Jacques Rousseau (1978), em que é possível imaginar a pandemia como advento situado em uma genealogia que faz da ideia de progresso uma coisa funesta por implicar o afastamento do homem em relação ao seu primitivo *état de nature*. Vale notar que esse exercício imaginativo foi realizado por Franceschelli, (2020) em seu artigo *Vírus, mãe natureza e estultícia humana*, que insiste na atual conveniência de uma ética de confronto à desobediência humana em relação aos princípios e práticas que ordenam o respeito à mãe natureza;

(c) *A Filosofia da História*, de Voltaire (2007), para imaginar as discussões que adventos pandêmicos podem levantar a partir de uma perspectiva que admite a possibilidade do devir histórico de superação da barbárie rumo ao ideal da tolerância filosófica como apanágio ético da humanidade;

(d) *Idéia de uma história universal com um propósito cosmopolita*, de Kant (1988), para imaginar qual seria o estatuto "climático" da pandemia em uma ideia de história na qual os microclimas tempestuosos da desrazão devem, ao final do desenvolvimento rumo à cosmópolis, ser subsumidos pelo clima ameno que a Razão engendra em seu curso corretivo voltado à produção da boa vontade como base ética;

(e) *Filosofia da História*, de Hegel (2008), sob a qual o advento pandêmico poderia ser imaginado como momento no interior de uma dialética rumo ao absoluto e como objeto do juízo final proferido por uma História que conhece a síntese da eticidade.

Tais seriam, em linhas gerais, as principais perspectivas da primeira chave interpretativa desse segundo tópico, cujos objetivos são estimular exercícios de reflexão para tornar mais consequentes os atuais discursos nos quais o tema da pandemia aparece ligado às noções de evolução, involução, utopia, distopia, gênese, apocalipse e refletir sobre os princípios éticos a

partir da compreensão de sua dinâmica histórica.

A segunda chave interpretativa desse tópico sobre ética – a do problema do mal – permite, por sua vez, refletir sobre os princípios éticos a partir das tradicionais compreensões relativas aos valores do bem, porquanto as perspectivas filosóficas que se abrem com essa chave sempre supõem um bem relativo ao qual o mal é pensado como *falta*. E, no espaço aberto por essa interpretação, se encontram:

(a) a noção leibniziana de *mal metafísico*, que reflete a ideia de bem como ordem suprema sob a qual este mundo aparece como o melhor dos mundos possíveis, de modo que um exercício imaginativo relativo a essa noção poderia pensar a pandemia a partir do ponto de vista da ordem ética superior, no qual o mal-estar da pandemia aparece sem fundamento;

(b) a intuição voltairiana da existência do *mal-estar fundamental*, onde a pandemia apareceria, tal como o terremoto de Lisboa de 1755, sob a categoria do *desastre* que faz prova da imensa vastidão do caos no qual o bem, enquanto ordem ética, encontra-se alegoricamente representado, como sugerido no *Micrômegas*, por uma pequena e solitária nau filosófica singrando em meio a um oceano de maldades;

(c) a percepção rousseauiana do mal como algo associado ao sentimento de opressão que as instituições sociais determinam ao mergulhar os indivíduos em uma atmosfera irrespirável: perspectiva próxima de muitas leituras atuais sobre a pandemia do coronavírus, na medida que reflete uma concepção de bem ético associada à libertação do indivíduo em relação às forças sociais que o aprisionam;

(d) o conceito kantiano de *mal radical*, em que as ações antiéticas praticadas em torno do caso pandêmico aparecem como resultados do *deficit* volitivo pelo qual os humanos cedem a interesses empíricos em detrimento dos imperativos éticos, porquanto o princípio da ética kantiana seria o da *vontade não deficiente*, a *boa vontade* no sentido de que esta seria forte o bastante para determinar, sozinha, a conduta humana. Esse ponto é tão próximo dos dilemas morais que atualmente cercam a pandemia que mereceu a atenção de Habermas (2020), para quem as decisões recentemente

praticadas nos hospitais da Europa cederam à tentação empírica de violar o princípio ético da igualdade estrita de tratamento para favorecer os mais jovens em detrimento dos mais velhos;

(e) o conceito schopenhaueriano de *alegria maligna*, junto ao qual a pandemia aparece como circunstância favorável ao riso macabro dos que encontram satisfação na dor e no sofrimento alheios, sem nenhum traço da *compaixão* que, para Schopenhauer (2010), é o princípio do bem ético. Ponto em que vale visitar o artigo de Vilmar Debona (2020) sobre a relação entre pandemia e moralidade, onde o autor considera que o conceito de *alegria maligna* ilumina a compreensão sobre as recentes condutas de lideranças brasileiras em relação às vítimas da COVID-19;

(f) a *banalidade do mal*, de Hannah Arendt (1999), conceito à luz do qual a pandemia aparece como um horror desencadeado por atividades de pessoas que, por seguirem ocupadas em suas vidas de trabalhadoras obedientes aos *slogans* do *métier*, não encontram tempo para pensar e dialogar, afastando-se assim do bem "ético" que se prende ao ato de pensamento dialógico. Aqui, o termo "ético" deve ser aspeado, pois o mal banal arendtiano é de natureza *política* e, por isso, mais terrível que o mal necropolítico de Mbembe (2016), porquanto a crença de que o horror desencadeado por pensadores nefastos que governam a pandemia a partir da ideia da morte como princípio da administração pública permite que se derive o mal a partir de um paradigma ético, considerado menos horroroso que a hipótese da banalidade, onde o cenário sombrio das valas de cadáveres anônimos aparece sob o signo de coisa fabricada por pessoas alienadas do processo fabril de que fazem parte sem pensar no produto final.

E, com essa reflexão, se abre o espaço para pensar as relações entre a pandemia e os problemas de filosofia política.

### 3 Pandemia e Filosofia Política

Sob esse último tópico, se poderia incluir a clássica *questão do melhor governo possível*, a qual desafia a reflexão filosófica desde Platão em sua demanda por um acordo entre o filósofo e o político. Reconduzida para o tema

presente, pode-se reformular essa reflexão de modo a indagar quais seriam as melhores conduções governamentais em torno da atual demanda pandêmica. Para esse espaço, cumpre trazer à baila o discurso de Byung-Chul Han (2020), no qual o melhor governo é o do autoritarismo asiático, porquanto os "Estados asiáticos como o Japão, Coreia, China, Hong Kong, Taiwan e Singapura têm uma mentalidade autoritária, que vem de sua tradição cultural (confucionismo)" e, por isso, diferente dos governos europeus que, por não terem incorporado o paradigma informático como meio de combate ao vírus, apostam sobretudo em virologistas e epidemiologistas enquanto recusam a eficiência das medidas de vigilância digital. E, ao lado dessa vertente, a opinião de David Harvey (2020, p. 86), para quem "quarenta anos de neoliberalismo na América do Norte e do Sul e na Europa deixaram o público totalmente exposto e mal preparado para enfrentar uma crise de saúde pública desse calibre".

Contudo, para respeitar o princípio do contraditório e da ampla defesa, caro a toda reflexão em matéria de política, cumpre também dar voz às opiniões de Pouille e Badiou (2020), assinalando o argumento do primeiro quanto ao fato de estudantes chineses terem sido vistos em Paris, reunidos em homenagem a Li Wenliang, enquanto exigiam, contra o governo chinês, a liberdade de expressão de que daria exemplo o governo francês, e registrando a sentença do segundo de que

a única crítica séria que hoje pode ser dirigida às autoridades em questão de previsão é não ter financiado, após a SARS 1, a pesquisa que teria disponibilizado ao mundo da medicina instrumentos genuínos de ação contra a SARS 2 (BADIOU, 2020, p. 68).

Outro problema que pode servir de subtópico à presente investigação é o da *luta das duas espadas* – originalmente formulado por Bernardo de Clairvaux (1947) –, que poderia ser reformulado no presente contexto para compor a problemática das atuais relações entre os poderes civil e eclesiástico, a que servem muitas matérias que dão conta das recentes querelas entre a Igreja e o Estado em torno da quarentena e do remédio ao mal pandêmico, pois é tarefa da filosofia política contemporânea, dentre

outras, fomentar a reflexão em torno dos casos denunciados (a) de templos religiosos que foram abertos pelos poderes eclesiásticos para cultos em grupo em confronto com os poderes civis que decretaram o confinamento e o distanciamento; (b) de poderes eclesiásticos fazendo-se passar por médicos mediante a promessa de imunização de fieis através de rezas, óleos ungidos, etc. em confronto com poderes civis que ordenam aguardar a vacina ou outro meio de contenção cientificamente corroborado; (c) de políticos fazendo-se passar por médicos mediante a sugestão de tratamento por meio de desinfetante e água sanitária, evocando um tema presente em *O Político*, de Platão (1991), e na *Carta sobre a Tolerância*, de Locke (1965), para o qual o imperativo ético da tolerância ordena que nenhum príncipe tem o direito de impor sua religião ou seu medicamento pessoal para os súditos, porquanto as idiosincrasias de cada alma e de cada corpo podem converter em veneno o que, para o príncipe, é remédio.

Em conexão com o problema da luta das duas espadas, caberia incluir um outro que Karl Popper (1972) reduziu a um tema da lógica da pesquisa científica: *o problema da demarcação*, para o qual a pandemia da COVID-19 tem fornecido vasto material por evidenciar as conflitantes posições quanto ao caráter da relação sujeito-verdade, porquanto, de um lado, (a) encontram-se os partidários da crítica e da sociedade aberta, que acolhem o estatuto agnóstico do pensamento metafísico e propõem uma verdade que tolera o falseamento e a reconquista pela atividade científica e, do outro, (b) os partidários do dogma e das sociedades fechadas, que acolhem o estatuto gnóstico da metafísica e propõem uma verdade intolerante ao falseamento.

Vários outros aspectos pontuais da atual crise pandêmica também podem oportunizar a reflexão em torno de problemas contemporâneos de filosofia política na medida em que dizem respeito a questões de microfísica do poder e dialogam com temas específicos do direito, da educação, da economia, da psicanálise, da sociologia, etc., a exemplo do que se lê (a) no relatório das análises que, sob a direção de Richard Parker (2011), o *Observatório de Sexualidade e Política* realizou sobre a pandemia; (b) nas argumentações de Markus Gabriel (2020) em torno da tese de que a pandemia

é uma oportunidade de defesa da cosmópolis, da renda universal incondicional e da educação transdisciplinar; (c) nas reflexões zibeckianas acerca da crise de governabilidade e do "caos do sistema-mundo" que a pandemia teria instaurado como "condição prévia para a formação de uma nova ordem global" (Zibecki, 2020, p. 113); (d) nos testemunhos galindoianos contra a atual "ordem colonial do mundo" (Galindo, 2020, p. 124) e seu manifesto em favor do caráter soteriológico da desobediência civil; (e) nas leituras de Žižek (2020, p. 22) sobre o conceito de interpassividade em seu viés de crítica da chamada "cultura da interatividade" e sobre o poder disruptivo do golpe pandêmico<sup>2</sup>; (f) nas considerações de Agambem (2020) acerca das ideias de contágio humano e de Estado de exceção, em suas respectivas relações com as tradicionais noções de contato humano e de Estado democrático de direito; (g) no conceito de Berardi (2020) de vírus semiótico e seus desdobramentos bombásticos<sup>3</sup> na psiquê humana; (h) nos diagnósticos de Domenico de Masi (2020) e de Leonardo Boff (2020) sobre o que se poderia chamar de legados positivos da pandemia<sup>4</sup>; (i) no

---

<sup>2</sup> Porquanto, para Žižek (2020, p. 22), a quietude da quarentena seria o último suspiro de vida do sistema capitalista internacional, cuja queda deverá ocorrer de modo semelhante à do vilão do filme *Kill Bill*, o qual, depois de haver recebido o golpe dos "cinco pontos para explodir o coração", desfechado pela heroína Beatrix, senta-se e aquieta-se, sabendo que cairá morto se tentar andar novamente.

<sup>3</sup> O termo *bombástico* é proposital, pois o autor compara a ação do coronavírus no inconsciente humano à de uma bomba nuclear que deflagra fobias e recalques nos espaços das relações humanas, desfigurando os rostos que passaram a ser vistos como obscenidades, produzindo pensamentos de medo, fomentando autoritarismos e despertando velhos mitos distópicos, dos quais se destacam os temores ocidentais alimentados pelo imaginário do Oriente perigoso e estranho. O sonho de Raskólnikov, da "peste terrível, inédita e inaudita, que marchava das profundezas da Ásia" (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 556), mais do que uma mera passagem de uma célebre obra literária, é o componente psíquico da mentalidade eurocêntrica pelo qual esta enxerga o próprio mundo como algo constantemente ameaçado por uma Ásia representante da "desagradável probabilidade de uma súbita erupção que destruiria o 'nosso mundo'" (SAID, 1990, p. 256).

<sup>4</sup> Tais legados, dentre os quais se costuma citar os cisnes que voltaram a nadar nos canais de Veneza, o ar que se purificou pela redução da emissão de poluentes, as vidas que se preservaram pela redução dos acidentes automobilísticos, etc. são frequentemente interpretados por essa perspectiva como uma "retomada do império da natureza", ao ponto de se julgar que o coronavírus seria uma espécie de antivírus da cultura capitalista, um contra-ataque da terra mãe, como aparece em Boff (2020). Um contraponto dessa perspectiva aparece em Bernard-Henri Lévy (2020), para quem o advento do coronavírus implica estrondoso lucro para os setores da produção imaterial mediante que exploram a desproteção dos habitantes da mãe-terra, a exemplo do que se passaria entre as corporações Google, Facebook, Amazon e Apple e seus usuários, ou entre as empresas de serviços *delivery* e seus entregadores, de modo a parecer repetir, próximo ao fim do primeiro quartel do século XXI,

arrolamento que González (2020) faz das lições que a pandemia nos ensina, destacadamente: a humana fragilidade imunológica diante do desconhecido, a necessidade de evitar o perigo do totalitarismo voraz de contornos tanatopolíticos e, – lição esta também realçada por Patricia Manrique (2020) –, a urgência da hospitalidade irrestrita<sup>5</sup>; (j) nas diversas contribuições em torno das tensões associadas à crise pandêmica, como globalismos e localismos, rupturas e continuidades, etc.

#### 4 Considerações finais

É evidente que esse roteiro de percurso investigativo não é completo, porquanto o seu objetivo é apenas o de esboçar as possibilidades reflexivas abertas pela atual crise pandêmica, sem perder de vista as perspectivas clássicas legadas pela tradição da História da Filosofia, junto às quais os educadores podem e devem contribuir com suas reflexões enquanto professores e professoras de filosofia.

Retomando a reflexão inicial deste artigo, acerca da utilidade da filosofia, percebe-se que é preciso reconhecer que tal proposta não se coaduna verdadeiramente com a tese da inutilidade, pois a filosofia não se pretende inútil: apenas exige o reconhecimento de que sua utilidade tenha uma natureza diversa da utilidade dos produtos fabricados pela tecnologia moderna. Se é verdade que a filosofia não fabrica lâmpadas OLED, não é menos verdade que ela produz luzes capazes de dissipar trevas para as quais o mais sofisticado dos utensílios luminescentes é absolutamente inútil. Se a luz da ciência é, como observa Carneiro Leão (1977, p. 20), "cega para o seu próprio fundamento" –, pois, "quando um físico investiga o que é a física, não empreende uma investigação física" –, o mesmo não se pode dizer da chama filosófica, que ilumina a circunvizinhança do mundo, sem deixar de iluminar a si mesma.

---

o que dizia Elias Canetti (1995, p. 467) sobre o final do século XX: "todos os países mostram-se hoje propensos a proteger mais sua produção do que seus habitantes".

<sup>5</sup> O caráter irrestrito dessa hospitalidade significa que ela se deixa atravessar pela ideia de tolerância corporeificada em um projeto humanista de combate aos excessos do patriotismo, de assimilação do direito ao asilo e proteção aos estrangeiros e desamparados, de investimentos em medicina hospitalar e de práticas de escuta psicanalítica.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio *et al.* *Sopa de Wuhan*: Pensamiento contemporáneo. [S. l.]: Editorial ASPO, 2020. 188 p. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>> Acesso em: 30 set. 2020.
- AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*: contra os pagãos. Tradução Oscar Paes Leme. 8. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008. 2 v.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*: Um relato sobre a banalidade do mal. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BADIOU, Alain. Sobre la situación epidémica. In: AGAMBEN, Giorgio *et al.* *Sopa de Wuhan*: Pensamiento contemporáneo. [S. l.]: Editorial ASPO, 2020. p. 67-78. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- BERARDI, Franco. Asistiremos al colapso final del orden económico global: [Entrevista cedida a] María Daniela Yaccar. *Página/12*, Buenos Aires, 24 ago. 2020. Filosofia y Coronavirus. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/287069-franco-bifo-berardi-asistiremos-al-colapso-final-del-orden-e>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- BOFF, Leonardo. *Reflexões sobre Educação na pandemia*: desafios e oportunidades — aula magna inaugural das atividades não presenciais de 2020, da Rede Municipal de Educação de Nova Friburgo. [Entrevista cedida a] Ricardo Lengruher e Marcelo Verly. Nova Friburgo, RJ: Canal Educação & Cidadania, 3 ago. 2020. 1 vídeo (ca. 90 min), color., leg., son. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OpKsuWpdpK4>>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- CÁCERES, Carlos F. Transformaciones en el discurso sobre la epidemia al VIH como una epidemia sexuada – paradojas y enigmas en la respuesta global. In: CORRÊA, Sonia; PARKER, Richard (Orgs.). *Sexualidade e política na América Latina*: histórias, interseções e paradoxos. Rio de Janeiro: ABIA, 2011. p. 164-173. Disponível em: <[http://www.sxpolitics.org/wp-content/uploads/2011/07/dialogo-la\\_total.pdf](http://www.sxpolitics.org/wp-content/uploads/2011/07/dialogo-la_total.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2020.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*: ensaio sobre o absurdo. Tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CLAIRVAUX, Bernardo de. *Obras Selectas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1947.

DEBONA, Vilmar; DIAS, Cláudia. Alegria maligna. In: REICH, Evânia; BORGES, Maria de Lourdes; XAVIER, Raquel Cipriani (Org.). *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfiponline, 2020. p. 135-144. Disponível em: <<http://www.nefipo.ufsc.br/files/2012/11/LIVRO.-Reflex%C3%B5es-sobre-uma-pandemia-2020.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2020.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovitch. *Crime e Castigo*. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: 34, 2009.

Especial COVID-19: Análises do SPW sobre a pandemia. *Observatório de Sexualidade e Política*, Rio de Janeiro, não paginado, 20 jul. 2020. Disponível em: <<https://sxpolitics.org/ptbr/especial-covid-19-analises-do-spw-sobre-a-pandemia/10881>>. Acesso em: 30 set. 2020.

FRANCESCHELLI, Orlando. Vírus, mãe natureza e estultícia humana: o que significa vencer a guerra contra a atual pandemia? Por um flashmob filosófico. Tradução Marcio Gimenes de Paula. *ANPOF - Filosofia e Pandemia*. Disponível em: <<http://www.anpof.org/portal/index.php/pt-BR/comunidade/forum-anpof/category-items/4-community-forum/629-filosofia-e-pandemia>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

GABRIEL, Markus. El virus, el sistema letal y algunas pistas. In: AGAMBEN, Giorgio *et al. Sopa de Wuhan*: Pensamiento contemporáneo. [S. l.]: Editorial ASPO, 2020. 188 p. p. 129-134. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 30 set. 2020

GALINDO, María. Desobediencia, por tu culpa voy a sobrevivir. In: AGAMBEN, Giorgio *et al. Sopa de Wuhan*: Pensamiento contemporáneo. [S. l.]: Editorial ASPO, 2020. 188 p. p. 119-128. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 30 set. 2020.

GONZÁLEZ, Gustavo Yáñez. Fragilidade y tiranía (humana) en tiempos de pandemia. In: AGAMBEN, Giorgio *et al. Sopa de Wuhan*: Pensamiento contemporáneo. [S. l.]: Editorial ASPO, 2020. p. 139-144. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 30 set. 2020.

GORMAN, Peter. *Pitágoras; uma vida*. Tradução Rubens Rushe. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

HABERMAS, Jürgen. *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

HABERMAS, Jürgen. Precisamos agir com o saber explícito de nosso não-saber: [Entrevista cedida a] Nicolas Truong. Tradução Frédéric Joly. *Ateliê de Humanidades*, [S. l.], 12 abr. 2020. Fios do Tempo: Análises do Presente. Disponível em: <<https://ateliêdehumanidades.com/2020/04/12/fios-do-tempo-precisamos-agir-com-o-saber-explicito-de-nosso-nao-saber-entrevista-com-jurgen-habermas>>. Acesso em: 30 set. 2020.

HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã. *El País Brasil*. [S. l.]: PRISA, 22 mar. 2020. Caderno Ideas, não paginado. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>>. Acesso em: 30 set. 2020.

HARVEY, David. Política anticapitalista en tiempos de coronavirus. *In: AGAMBEN, Giorgio et al. Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo*. [S. l.]: Editorial ASPO, 2020. 188 p. p. 79-96. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 30 set. 2020.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. Tradução Maria Rodrigues; Hans Harden. 2. ed. Brasília: UnB, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 2 v.

JASPERS, Karl. *A Filosofia da Existência*. Tradução Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

KANT, Immanuel. Idéia de uma história universal com um propósito cosmopolita. *In: KANT, Immanuel. A Paz Perpétua e outros Opúsculos*. Tradução Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 21-37.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *O Conceito de Angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a Pensar*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 2 v., v. 1.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Ensaio de Teodiceia*. Tradução William de Siqueira Piauí Silva; Juliana Cecci. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

LEMOS, André; MARQUES, Daniel. Vigilância Guiada por Dados, Privacidade e Covid-19. *Lab404: Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço*, Salvador, BA: UFBA, 11 maio 2020. Seção Ensaio / *In Vitro*: Dossiê Covid-19. Disponível em: <<http://www.lab404.ufba.br/vigilancia-guiada-por-dados-privacidade-e-covid-19>>. Acesso em: 2 out. 2020.

LÉVY, Bernard-Henri. Este Vírus que nos Enlouquece. [Entrevista cedida a] Paulo Markun, Carlos Vogt, Pedro Galé e Rodrigo Casarin. Ciclo *Conversas na Crise – Depois do Futuro*, do Instituto de Estudos Avançados (IdEA) da Unicamp, em parceria com o portal UOL. Brasil, 22 jul. 2020. 1 vídeo (ca. 54 min), color., leg., son. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q-WLd2yERII>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

LIVES DO CONHECIMENTO: André Lemos dialoga sobre a relação entre Tecnologias Digitais e Pandemia. *Fundação Edson Queiroz - Universidade de Fortaleza*, Fortaleza, CE, não paginado, 28 abr. 2020. Projeto "Lives do Conhecimento". Disponível em: <<https://www.unifor.br/-/lives-do-conhecimento-andre-lemos-dialoga-sobre-a-relacao-entre-tecnologias-digitais-e-pandemia>>. Acesso em: 30 set. 2020.

LOCKE, John. *Carta sobre a Tolerância*. Tradução João da Silva Gama. Lisboa: 70, 1965.

MANRIQUE, Patricia. Hospitalidad e inmunidad virtuosa. In: AGAMBEN, Giorgio et al. *Sopa de Wuban*: Pensamiento contemporáneo. [S. l.]: Editorial ASPO, 2020. p. 145-162. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 30 set. 2020.

MASI, Domenico de. CRISE COVID-19: avaliação, desafios e prognoses: [Entrevista cedida ao] Projeto Lives do Conhecimento, da Universidade de Fortaleza. Fortaleza, CE: Canal TV Unifor, 16 abr. 2020. 1 vídeo (ca. 85 min), color., pt., leg., son. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zc22KbHP8O8>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MBEMBE, Joseph-Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

NANCY, Jean-Luc. Um vírus demasiado humano. Tradução Lucas Faial Soneghet. *Labemus*: blog do laboratório de estudos de teoria e mudança social. [S. l.], 18 maio 2020. 5 p. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2020/05/18/notas-sobre-a-pandemia-um-virus-demasiado-humano-por-jean-luc-nancy>>. Acesso em: 30 set. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do Bem e do Mal*: Prelúdio a uma filosofia do porvir. Tradução Paulo José de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PLATÃO. O Banquete. In: PLATÃO. *Diálogos*. Tradução José Cavalcante de Souza. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 7-53.

PLATÃO. *O Político*. Tradução José Cavalcante de Souza. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 331-442.

PLATÃO. *Teeteto*. Tradução Adriana Manoela Nogueira; Marcelo Boeri. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

POPPER, Karl Raimund. *A Lógica da Pesquisa Científica*. Tradução Leonidas Hesenberg; Octanny Silveira da Motta. São Paulo: Cultrix, 1972.

POUILLE, Jordan. O coronavírus mudará a China?. Tradução André Langer. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, RS, n. 78, 20 fev. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596473-o-coronavirus-mudara-a-china>>. Acesso em: 30 set. 2020.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003-2006. 7 v. (Coleção História da Filosofia).

REICH, Evânia; BORGES, Maria de Lourdes; XAVIER, Raquel Cipriani (Org.). *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfionline, 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução Lourdes Santos Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 215-82.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Parerga e paralipomena*. Tradução Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2010.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. *A filosofia da história*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. *Micrômegas: história filosófica*. [S.l.: s.n.], ca. 2020. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000044.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

ZIBECHI, Raúl. A las puertas de un nuevo orden mundial. In: AGAMBEN, Giorgio *et al. Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo*. [S. l.]: Editorial ASPO, 2020. p. 113-118. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 30 set. 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill. In: AGAMBEN, Giorgio *et al. Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo*. [S. l.]: Editorial ASPO, 2020. p. 21-28. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 30 set. 2020.

*Submetido em: 12/10/2020*

*Aceito em: 22/04/2021*

*Publicado em: 11/10/2021*